

4

Considerações finais

Concluindo esta dissertação, pensamos que seu objetivo tenha sido alcançado. Após a realização desta pesquisa, descrevemos as principais idéias de Tarso Mazzotti a respeito da argumentação e da análise retórica. Em seguida, mostramos, a partir desta descrição, como estas são utilizadas para o desenvolvimento, para a crítica e para a compreensão das teorias pedagógicas, bem como discutimos alguns de seus aspectos relevantes estabelecendo um diálogo com outros autores.

Vimos no primeiro capítulo que a filosofia da educação é uma filosofia aplicada. Segundo Mazzotti, a questão da escolha de uma filosofia para aplicá-la à educação mostra-se um problema sem solução, a não ser que ajamos de maneira arbitrária e não racional, o que já nos colocaria numa situação nada filosófica, formando uma circunstância um tanto paradoxal, enquanto quiséssemos sustentar uma atitude filosófica. Diante deste contexto improfícuo, Mazzotti encontra uma saída ao optar por uma atitude pragmática diante do problema, de modo que termina por admitir que cabe à filosofia da educação a função de crítica das teorias pedagógicas.

Segundo Mazzotti, mostramos que toda ciência é um conjunto de enunciados estabelecidos mediante a argumentação, que está presente durante o processo de elaboração e desenvolvimento de toda e qualquer teoria. E este conjunto de enunciados apenas pode existir mediante a crença no fato de que o mundo, assim como nossas ações (no caso de uma ciência constituída a partir de uma prática humana), pode ser entendido racionalmente. É possível constituir uma ciência a partir da prática educativa, que é uma prática humana, formulando-se enunciados que coordenam cadeias de raciocínios cujo objetivo é descrever e orientar o processo educativo. Esta ciência, assim como toda ciência constituída a partir de uma prática, apresentará dois aspectos indissociáveis: um inferencial (ou antecipatório), que serão os próprios enunciados formulados nas teorias, e um aspecto causal (ou efetivo), que é a realização da prática a respeito da qual se desenvolve os enunciados.

Existem diversas lógicas bem fundamentadas que podem ser utilizadas no processo de argumentação ao longo do desenvolvimento de uma teoria pedagógica, e

apenas a análise retórica é capaz de acompanhar qualquer lógica que venha a surgir durante esta argumentação.

Compartilhando do pensamento de Peirce, para quem todas as pessoas pensam utilizando as mesmas regras básicas de operação, sendo a diferença entre uma pessoa comum e um cientista ou um filósofo o grau de rigor que cada um aplica ao seu raciocínio, estabelecendo a partir daí o grau de rigor exigido por cada grupo de pessoas que estivesse diante de um certo conhecimento, Mazzotti, apoiado também em Aristóteles, defende a idéia de que os silogismos são a base de todo conhecimento que possamos ter a respeito de algo novo com o qual nos deparemos.

Esta idéia torna-se premente quando Mazzotti afirma que relevantes teorias pedagógicas da modernidade estão organizadas em torno de metáforas, e que estas envolvem-se em discussões infundáveis porque suas metáforas organizadoras estruturam-se ao redor da palavra “percurso”. Ainda que este termo seja bem apropriado ao entendimento do processo educativo que, como vimos, segundo Mazzotti, justo por ser um processo, pode apenas ser compreendido por meio de uma metáfora, que é um silogismo estabelecido para predicar algo desconhecido baseado em algo que acreditamos conhecer, a idéia de percurso pode assumir dois significados antagônicos: um definido e determinável, e outro, indefinido e indeterminável. É nestas divergências a respeito do sentido de percurso que está a origem dos litígios infundáveis nos quais se envolvem os teóricos do processo educativo ao defender cada um suas doutrinas, divergentes das dos outros, ainda que organizadas em torno de uma palavra comum.

A descoberta da origem destas divergências (ainda que não sua solução) é um exemplo daquilo que poderia ser apenas descoberto mediante a análise retórica de cada uma das teorias pedagógicas envolvidas nos litígios. Como vimos, a análise retórica não nos vai estabelecer o que é falso ou verdadeiro numa teoria, mas mostrar-nos quais argumentos são persuasivos em uma discussão e, indiretamente, os valores que estão por trás destes argumentos. A validade de um argumento é determinado na discussão, na própria argumentação que se dá no contexto que estabelecerá a aceitação ou não de uma metáfora para uma comunidade.

Contudo, mostramos que, enquanto Mazzotti atribui uma função cognitiva às metáforas, sua posição não é hegemônica no cenário atual. Ainda que esta posição em relação às metáforas seja comum aos teóricos tradicionais, aqueles que aderem a uma concepção pós-moderna da realidade discordam disto. Rorty, adepto a esta concepção,

considera as metáforas como desprovidas de valor cognitivo. Para ele, as metáforas são sentenças sem significado, visto que nelas são utilizadas palavras familiares de modo não familiar, não podendo, por isto, ser consideradas verdadeiras nem falsas, tornando-se sentenças sem valor de verdade. Para Rorty, as metáforas têm uma outra utilidade, no sentido em que lhes resta a capacidade de apontar para a possibilidade daquilo que não havíamos pensado, proporcionando-nos vislumbrar lampejos de uma utopia.

Sendo a metaforização tão essencial no pensamento de Mazzotti, visto que, para ele, ela encerra toda a possibilidade de aprendermos algo acerca do novo, pareceu-nos oportuno apresentar algo que pudesse fundamentar teoricamente o processo de metaforização segundo o seu ponto de vista. E esta fundamentação teórica foi encontrada no pensamento do “primeiro” Wittgenstein, por meio de sua *teoria pictorial*, que nos permite entender o processo de significação que se dá pela utilização de uma metáfora. Somando a *teoria pictorial* de Wittgenstein à idéia de Peirce a respeito do processo cognitivo, a metaforização pareceu-nos ser suficientemente confiável para o cumprimento dos fins para os quais Mazzotti a utiliza.

Apresentamos também a virada retórica e a virada lingüística. Estas duas viradas são acontecimentos importantes e têm reflexo sobre a questão do significado e, logo, sobre as teorias de verdade. A virada retórica enfatiza o papel da argumentação como meio de desenvolvimento de teorias pedagógicas e das teorias científicas de maneira geral. Como proposta de superação do proposicionalismo, ela mostrou que a atividade filosófica não consiste em responder perguntas, mas em problematizar. As respostas decisivas, então, sob os ditames da lógica proposicional, não são mais o grande objetivo da discussão filosófica que, após a virada retórica, coloca o homem como figura central do pensamento. Buscando-se estabelecer uma lógica natural sobre a qual todas as lógicas estariam baseadas, o pensamento de Aristóteles foi resgatado e Perelman surge como um dos precursores deste movimento.

Perelman, caracterizando uma *virada retórica*, segundo Mazzotti, considera que qualquer discurso, científico ou não, sempre está marcado pela presença da retórica. Logo, tanto o estabelecimento das regras deste discurso, quanto dos significados para os termos proferidos, são todos instituídos por um coletivo humano.

Rorty, por sua vez, torna-se um dos principais agentes da chamada *virada lingüística*, retratada por Ghiraldelli Jr. como uma modificação na maneira filosófica de pensar que teve como conseqüência o deslocamento do objeto da investigação sobre a

verdade, condicionando-a às práticas lingüísticas, de modo que a observamos melhor quando nos concentramos nos *comportamentos lingüísticos*, ou seja, na linguagem e no uso que dela fazemos. Assim, dessubstantivamos o termo verdade, retirando-o do campo metafísico e/ou epistemológico e trazendo-o para o campo da semântica e da filosofia da linguagem. Procuraríamos, com este deslocamento, descobrir que função a verdade desempenha no exercício das práticas lingüísticas, tornando-a meramente mais uma palavra num jogo de linguagem. Este processo de dessubstantivação da verdade permite-nos apreciar a idéia de verdade deflacionada, talvez mais adequada ao período contemporâneo, tido por muitos como *pós-moderno* e *pós-metafísico*.

Ainda que Mazzotti não rejeite de todo a metafísica como fundamentação do conhecimento, visto que, para ele, todas as ciências modernas e as filosofias racionais são baseadas na crença indemonstrável de que haja uma ordem no mundo, de modo que este possa ser conhecido racionalmente, ele assume uma postura pragmática ao lidar com o desenvolvimento, com a crítica e com a compreensão das teorias pedagógicas. Isto pode ser percebido pela influência que ele sofre tanto da virada retórica quanto da virada lingüística.

Da virada retórica Mazzotti toma a oposição ao proposicionismo, enquanto atribui à filosofia a função de crítica das teorias pedagógicas, não delegando à ela a função de desenvolver teorias normativas acerca do processo educativo. Recebe também desta virada a colocação do homem como centro do debate e do desenvolvimento do pensamento, não buscando fora da contingência humana um critério de verdade nem um significado para aquilo que se expressa por meio da linguagem, assim como admite também a temporalidade da confiabilidade de um enunciado.

Da virada lingüística Mazzotti aceita, em certa medida, o caráter dessubstantivado da verdade, recusando a imposição de verdades dogmáticas ou impostas de alguma outra forma, que não tenham sido obtidas através do debate e da negociação entre as partes envolvidas. E estende a aplicação e os limites deste entendimento não só à questão da verdade, mas também a qualquer decisão ocorrida dentro de um grupo, rejeitando a legitimidade de qualquer significado ou critério que não tenha sido estabelecido mediante uma negociação democrática.

Ao longo da dissertação pudemos depreender o quanto a argumentação e a análise retóricas são essenciais para o desenvolvimento, para a crítica e para a

compreensão das teorias pedagógicas. Isto ficou claro ao compararmos Habermas e Mazzotti na hipótese ilustrativa desenvolvida no segundo capítulo, que delinea o caminho que uma teoria percorre desde seu surgimento até sua validação. Segundo estes autores, nenhuma verdade será aceita se não obtiver a aquiescência da comunidade, e esta aquiescência é pleiteada por meio da argumentação. É a argumentação que, ao final do debate, irá determinar aquilo que é aceitável ou não para fazer parte de um enunciado ou de uma teoria. A análise retórica pode ser aplicada quando a teoria já se encontra terminada, ou durante sua constituição, pois, cada etapa da argumentação pode ser submetida a esta análise. A análise retórica é a inspeção daquilo que está sendo argumentado.

Diante do exposto esperamos que este trabalho tenha contribuído para um melhor entendimento da ação e da utilização da argumentação e da análise retórica. A argumentação e a análise retórica são de importância fundamental, não só quando relacionadas às teorias pedagógicas, mas também, para o processo de desenvolvimento e, por conseguinte, de crítica e compreensão de toda e qualquer teoria, seja ela de natureza científica ou não-científica. Pois, lembrando que, enquanto a argumentação é a base para a validação de qualquer enunciado que venhamos a proferir ou contestar, a análise retórica tem os meios para nos mostrar não só o tipo e a qualidade destes argumentos envolvidos na discussão, assim como nos mostra, ainda, os valores que estão manifestos através destes argumentos.